PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 116 JUNHO de 1977 ANO XIII

NESTE NÚMERO:

LUTA ENCARNIÇADA ENTRE BANDOS REACIONÁRIOS DAS FORÇAS ARMADAS

Os acontecimentos que se vêm desenrolando no país relacionam-se de certa maneira com a sucessão de Geisel e dos governadores de Estados. Embora esse problema se decida no próximo ano, a luta já está sendo intensamente realizada nos bastidores da caserna.

A sucessão de Geisel não é questão da alçada dos dois partidos criados para servir de "cobertura" ao regime. Tampouco de parlamentares, de personalidades civís ou mesmo de elementos que constituirão o chamado colégio eleitoral a ser convocado para ratificar o nome do futuro ocupante do Palácio do Planalto. É matéria, única e exclusiva, da competência da cúpola das Forças Armadas e, em primeiro lugar, do Exército.

Enquanto o país viver sob uma ditadura militar-fascista, reinará em Brasília um general indicado por determinados grupos de oficiais de alta patente. São várias as camarilhas existentes nas Forças Armadas, cada qual se julgando a mais importante e a mais representativa do golpe de abril de 1964. Elas se conluiam e também se combatem. No período que antecede à escolha do novo déspota, ou seja, do ditador que ficará de plantão, as rivalidades entre tais camarilhas acentuam-se. Ainda que apregoem constantemente patriotismo e desprendimento no que concerne a funções públicas, os generais constituem uma feroz matilha de lobos brigando por tudo quanto é cargo rendoso, em especial pelo domínio da presa governamental. Vinga, no fim de contas, aquele grupo que contar, no momento decisivo da indicação do "presidente" da República, com maior número de postos de comando ou que obter uma correlação de forças, dentro do Exército, que lhe seja favorável.

A esta altura, a lista de postulantes à curul presidencial já é numerosa. Em geral, todos os que carregam quatro estrelas nos ombros são candidatos em potencial. O ministro do Exército, tal como tem ocorrido há treze anos, considera-se trunfo na decisão final. Igual pretensão tem o chefe do SNI. Geisel e Médici – para citar apenas os representantes das camarilhas mais em evidência – manobram nos bastidores e articulam seus comparsas. "Fazer o sucessor" – eis a questão preocupante entre os maiorais do Sistema.

Desta furiosa competição emana as atitudes de cada um. Como o monopólio do Poder é sagrado para eles e todos temem perdê-lo, não há general, hoje, que ouse fingir-se de liberal, mesmo demagogicamente. Para fazer prosélitos, uns acusam os outros de ser menos "revolucionário", apresentam-se sem exceção como ferrenhos defensores do regime de arbítrio. Geisel cassa mandatos, investe contra o MDB, censura livros e

jornais, prende e tortura patriotas e, por baixo do pano, tenta dizer a certos setores oposicionistas que isto é necessário para que ele possa manter o comando sucessório. Silvio Frota baixa ordens do dia, uma atrás da outra, reafirmando os "princípios invioláveis" da contra-revolução de 64. Bethlem faz sucessivos discursos no Rio Grande do Sul exigindo ordem e respeito às autoridades, enquanto Dilermando recebe o cardeal de São Paulo e conversa com jornalistas (sempre com os dentes à mostra) recordando a cada um que a "revolução" veio para ficar. Seus paus-mandados do tipo de Dinarte Mariz, Sinval Bocaiuva, Marchezan, José Bonifácio, Eduardo Galil e muitos outros fazem a caça à bruxa. Delatam como subversivas as atividades democráticas de seus companheiros, visando a reforçar as posições dos grupos a que servem.

Também é grande a corrida em torno à substituição dos governadores de Estados. O MDB tinha esperanças de conseguir a eleição de alguns. Suas veleidades se foram com o "pacote" de abril. Geisel pretendia igualmente garantir sua liderança na escolha de governantes dos principais Estados. Perdeu a parada. O Sistema exigiu que a questão fosse atribuída ao seu substituto. Nem por isso cessaram as marchas e contra-marchas, os entendimentos esconsos, os arreglos de toda a espécie. As camarilhas militares estão atentas. Nas composições que fazem em função de tais ou quais nomes para o Planalto incluem também o dos candidatos à governança estadual.

Enfim, o problema da sucessão consiste na luta encarniçada entre bandos reacionários e fascistas das Forças Armadas. Nada mais, nada menos.

Há quem pretenda utilizar essa disputa. Não seria melhor – dizem – apoiar o grupo ou o nome menos ruím? O menos ruím, no caso, é tido como a dupla Geisel-Golberi. Para não atrapalhar suas maquinações – dizem ainda – dever-se-ía evitar "radicalismos" desnecessários, amainar a oposição... Os que assim pensam são levados, quando Geisel aplica o AI-5, a justificar o arbítrio do governo e a condenar com vigor as atitudes das vítimas. É uma posição falsa. As camarilhas militares são farinha do mesmo saco. Ao apresentar-se candidato, Geisel afirmava ser o mal menor, o homem que liberalizaria o regime. Afinal provou o que realmente é: uma figura odienta do Sistema, um inimigo do povo e das liberdades, um serviçal nojento do capital estrangeiro.

Ao povo brasileiro não interessa tal sucessão. São minúcias do regime. Pouco lhe importa a substituição de um gorila por outro da mesma espécie. O que deseja efetivamente é a derrubada da ditadura, a completa liquidação do domínio despótico das Forças Armadas na vida política do país. A fim de alcançá-la intensifica sua unidade e sua luta, erguendo sempre mais alto a bandeira da Constituinte livremente eleita, da abolição de todos os atos e leis de exceção, da anistia geral.

PROGRAMA UNITÁRIO E DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA

A Declaração dos Partidos marxistas-leninistas da América Latina abre brilhante perspectiva ao movimento revolucionário do Hemisfério e demonstra o valor dos encontros multilaterais entre as organizações de vanguarda do proletariado. Desde há alguns anos, estes partidos têm realizado trocas de opiniões e de experiências sobre a luta dos povos do Continente, assim como efetuado estudos conjuntos a respeito de problemas regionais. O documento elaborado pelas delegações dos Comitês Centrais dos partidos latino-americanos que participaram do histórico VII Congresso do Partido do Trabalho da Albânia constitui uma análise em profundidade da situação existente na América Latina e indica corretamente as tarefas fundamentais a serem concretizadas. É um verdadeiro programa de luta, uma bandeira de unidade e de ação revolucionária que reflete o amadurecimento dos marxistas-leninistas desta parte do Hemisfério. Representa também uma contribuição no plano internacional à orientação estratégica e tática do movimento operário e comunista.

Os Partidos marxistas-leninistas da América Latina, e entre eles o Partido Comunista do Brasil, têm o dever de tomar em suas mãos esse programa de luta e convertê-lo num poderoso instrumento de trabalho a fim de guiar com acerto as grandes massas exploradas e oprimidas do Continente pelo caminho de sua libertação nacional e social.

OS INIMIGOS PRINCIPAIS

A Declaração Conjunta define os imperialistas norte-americanos e os social-imperialistas soviéticos como os principais inimigos dos povos. Estas duas superpotências empenham-se em renhida contenda pela hegemonia mundial e preparam ativamente uma nova grande guerra. Contra uma e outra é preciso erguer uma poderosa frente de luta capaz de destroçar seus planos hegemonistas e belicistas. Na América Latina, os imperialistas ianques e os seus sustentáculos internos – as oligarquias reacionárias – representam o mais forte bastião da reação e da exploração cruel das massas trabalhadoras e populares. Os monopólios dos Estados Unidos dominam as nações latino-americanas, são espoliadores e opressores de nossos povos. Ainda que nesta região tenha penetrado e continue a penetrar o capital financeiro de outros países imperialistas, os Estados Unidos detêm as alavancas principais da máquina de dominação. Anualmente arrancam bilhões de dólares da América Latina em forma de lucros, juros de empréstimos, roialties, assistência técnica, fretes, comércio desigual, *know-how*, etc. É sob o seu comando que se implantam e se mantêm bárbaras ditaduras

militares em quase todo o Continente, sob a sua influência desenvolve-se a repressão brutal ao movimento popular e antiimperialista. Por isso mesmo eles concentram o ódio dos povos latino-americanos e contra eles volta-se o gume da luta emancipadora. Nenhuma estratégia correta na América Latina de sentido libertador pode deixar de levar em conta esta realidade. É certo que os social-imperialistas também fazem esforços para se consolidar nesta parte da América. Algumas tentativas para alargar sua influência fracassaram ante o contra-ataque norte-americano. Mas persistem. Todavia, estão longe, por enquanto, de equiparar-se aos Estados Unidos. Daí porque, mantendo-se vigilantes contra o social-imperialismo – ao qual consideram como perigoso inimigo – os povos latino-americanos combatem resolutamente o imperialismo ianque.

Em face do conflito que se delineia mundialmente, não é admissível a aliança tanto com uma quanto com a outra das superpotências. O documento dos Partidos marxistas-leninistas da América Latina afirma ser um erro apoiar-se numa delas para combater a outra. No entanto, há correntes que assim procedem. Os revisionistas defendem abertamente a aliança com os russos para resistir aos norte-americanos. São instrumentos da política hegemonista dos novos czares. Essa orientação conduz a substituir a dominação dos Estados Unidos pela da União Soviética, não menos brutal e espoliadora, significa frustrar inteiramente a luta de libertação nacional. A proposição revisionista precisa ser constantemente desmascarada porque grandes massas na América Latina admiravam a URSS, quando esta representava o socialismo triunfante, e muitas pessoas não se deram ainda conta das transformações que lá se operaram desde que a camarilha de Kruschov-Brezhnev usurpou a direção do Partido e do Estado. Por incrível que pareça, há também os que pretendem apoiar-se no imperialismo norte-americano para combater o social-imperialismo, sob a alegação de que este seria o inimigo principal dos povos. Os que pregam essa tese argumentam, além disso, que os monopolistas ianques estão em decadência enquanto os soviéticos estariam em plena ascenção. Mas a "decadência" do imperialismo ianque outra coisa não é que a putrefação do sistema mundial do capitalismo, como assinalou Lênin, e nesse sentido também o "socialismo" da União Soviética, desde que se transformou em imperialismo, encontra-se na fase de decomposição, de putrefação, pois não existe imperialismo à margem desse processo. A realidade é que o imperialismo ianque é a fortaleza do capitalismo mundial. Os dados demonstram ser ele o maior explorador que já existiu em todas as épocas. Nas diferentes partes do mundo, aparecem as marcas de suas garras afiadas. O fato de que tenha sofrido reveses não nega o seu caráter espoliador, ao contrário, é uma prova de suas ambiciosas tentativas de expansão, ao mesmo tempo que de sua debilidade intrínseca. A aceitação dessa tese levaria à conclusão lógica de que os Estados Unidos não estariam empenhados na furiosa disputa pela hegemonia mundial, pois esse objetivo não é próprio de uma força em decadência. Os povos da América Latina sabem por experiência própria o que significa o chamado descenso dos monopólios ianques – aqui ele se expressa na intensificação da exploração e da opressão, no domínio sempre maior de nossos países. Aliar-se aos Estados Unidos produziria, isto sim, a decadência dos Partidos marxistas-leninistas, o seu afastamento das massas populares, além de que deixaria em mãos dos revisionistas a bandeira de luta contra o pior explorador do Continente. No caso de que os Estados Unidos e a União Soviética se enfrentem num conflito armado de vastas proporções, cada qual buscando o domínio do mundo, o dever dos revolucionários é levar às últimas consequências a luta libertadora que desenvolvem, transformando a guerra imperialista em guerra de libertação.

OS ALVOS INTERNOS DE NOSSA LUTA

A Declaração Conjunta dos Partidos marxistas-leninistas da América Latina não apenas indica os inimigos externos a combater. Indica também, e claramente, o inimigo interno. "As nações latino-americanas não poderão libertar-se sem golpear e derrotar esse imperialismo (o norte-americano) que, em nosso Continente, é particularmente rapace e agressivo, sem liquidar simultaneamente as forças internas reacionárias em que ele se apóia". Assinala com justeza que "nossos povos odeiam o imperialismo ianque e os regimes reacionários e fascistas por ele sustentados", assim como "as camarilhas militares vende-pátria que se apoderaram do Poder em diversos países e se transformaram em lacaios do capital estrangeiro e em gendarmes das grandes massas populares". Evidentemente, a revolução não se faz lutando apenas contra os inimigos externos. Ela exige, antes e acima de tudo, a luta contra as forças internas reacionárias e inimigas do povo. Nossos países não são colônias do velho tipo em que o inimigo externo era, simultaneamente, a força repressiva interna. São países dependentes nos quais as oligarquias reacionárias, constituídas de latifundiários e da grande burguesia ligada ao capital estrangeiro, exercem o Poder, geralmente apoiadas nas Forças Armadas, para servirem aos seus interesses e aos dos monopólios e combater as legítimas aspirações de libertação e de progresso social. A estratégia dessas oligarquias é semelhante a do imperialismo: liquidar o movimento popular, democrático e antiimperialista, custe o que custe, e, em primeiro lugar, sua vanguarda combativa, os comunistas.

Também nesta questão surgem opiniões contrárias a esse objetivo fundamental. Os revisionistas, por exemplo, opõem-se praticamente à revolução. Pactuam com as correntes reacionárias, colaboram com os algozes de nossos povos. Cortejam as Forças Armadas na esperança de obter suas boas graças. Abandonando o caminho da luta de classes, propugnam reformas a realizar-se no quadro de dominação das forças reacionárias e com o seu beneplácito, reformas que, pouco a pouco, segundo eles, dariam primazia aos setores sociais progressistas. A revolução passa a ser supérflua. É uma política de traição. As reformas não conduziriam à libertação nacional e social. São mesmo admitidas, em certas circunstâncias, pelas forças retrógradas, sempre que sirvam para fortalecer seu domínio e enfraquecer o movimento revolucionário. Através delas chega-se não à liquidação dos fatores de atraso e opressão, mas ao aperfeiçoamento do sistema de exploração dos trabalhadores e das grandes massas populares. Os revolucionários não excluem a utilização das reformas, consideram-nas, porém, como subproduto da luta radical contra a burguesia, os latifundiários e o imperialismo. Num polo diferente do dos revisionistas, aparecem igualmente estranhas teorias a respeito da luta interna. Seus autores julgam que, face ao perigo representado pelo social-imperialismo, o movimento popular, democrático e revolucionário da América Latina terá de unir-se às forças reacionárias para opor-se àquela ameaça. Os governos de Geisel, Pinochet, Videla, Banzer, Strossner e de outros generais fascistas, que torturam e assassinam patriotas e abrem as portas de seus países ao capital estrangeiro, passariam a ser não inimigos mas aliados naturais das correntes antiimperialistas e democráticas, pois todos eles pertenceriam ao denominado terceiro mundo. Sem ter em conta o conteúdo fundamental de suas políticas, os defensores de tal teoria vêem em alguns dos atos desses governos posições independentes — que nunca tiveram — chegando mesmo a elogiar alguns deles, como o do Peru, até há pouco apresentado como exemplar e ao qual atribuíam a construção de uma nação independente e progressista. Não há dúvida que tal

orientação nada tem a ver com os interesses dos povos da América Latina, é oportunista em todos os seus aspectos.

Ambas – a dos revisionistas e a dos oportunistas de novo tipo – no que respeita à luta interna, são táticas que levam à liquidação do movimento revolucionário, ao rebaixamento do nível de consciência das massas, ao abandono da luta pela hegemonia do proletariado. Ambas exprimem traição aos ideais do socialismo e aos princípios fundamentais do marxismo-leninismo. O papel dos revolucionários é trabalhar pela revolução, contribuir decisivamente para destroçar os regimes retrógrados. Perderiam sua razão de existir os partidos marxistas-leninistas se adotassem quaisquer dessas táticas enganadoras. Eles se transformariam em partidos revisionistas ou nos velhos partidos sociais-democratas. Ser marxista-leninista significa ser revolucionário consequente, lutador infatigável da causa da emancipação nacional e social, partidário resoluto da luta de classes e da hegemonia do proletariado, inimigo irreconciliável do imperialismo e de todas as forças reacionárias. Ainda que, num ou noutro momento da luta possam aliar-se momentaneamente, para aproveitar certas contradições, a setores não-progressistas e conservadores, os partidos marxistas-leninistas procederão sempre de maneira independente, sem jamais arriar sua bandeira e desde que essa aliança possibilite reforçar (e não enfraquecer) suas posições de vanguarda.

PODEROSA ARMA DE LUTA

A linha da Declaração Conjunta é revolucionária. Harmoniza-se com a verdadeira estratégia mundial do proletariado – contra as duas superpotências, contra as forças reacionárias internas, em favor da revolução em cada país e em todo o mundo. Delimita posições entre revolucionários e oportunistas ou vacilantes, entre os que se batem pela revolução e os que a renegam, como os revisionistas ou aqueles que nela falam mas na prática se comportam da mesma forma que os reformistas burgueses.

Não foi sem esforço e sem acurado exame da realidade, que os Partidos marxistas-leninistas da América Latina chegaram à elaboração dessa Declaração. Ela representa um nível mais elevado de sua compreensão a respeito das tarefas essenciais do movimento revolucionário. Forjaram, desse modo, uma poderosa arma de combate.

Esta arma é preciso usá-la. Contra os nossos inimigos e para tornar mais fortes os nossos Partidos. A Declaração não é um documento formal à maneira dos editados pelos oportunistas de direita e de "esquerda" que, em certas resoluções, tomam ares de revolucionários, destinados a ficar unicamente no papel que escrevem, sem nenhum valor. Os marxistas-leninistas levam à prática o que dizem. Para eles a Declaração não se resume a afirmar princípios gerais. É um instrumento de trabalho, são idéias que devem ser levadas às massas.

Nós, os comunistas brasileiros, temos que trabalhar apoiados em suas preciosas indicações, precisamos ajudar os militantes e os trabalhadores a imbuir-se do seu conteúdo revolucionário. Sendo um documento não somente nosso mas de todo um conjunto de Partidos marxistas-leninistas do Continente e respaldado por muitos outros em todo o mundo, seu valor é ainda maior. Fortalece a unidade militante entre os povos latino-americanos. Ajuda a enriquecer nossa linha política.

Estudá-la, divulgá-la, traduzí-la em atos concretos – tal o nosso propósito.

COERÊNCIA MARXISTA-LENINISTA

A reconstrução marxista-leninista de nosso Partido em fevereiro de 1962 constituiu uma mudança qualitativa na sua vida e atividade, assim como no movimento revolucionário do proletariado e do nosso povo. Representou um avanço no conhecimento do marxismo-leninismo e na sua aplicação criadora à realidade brasileira. Esse conhecimento refletiu-se na formulação da linha revolucionária do Partido e na sua construção como autêntica vanguarda revolucionária da classe operária. Desde então êxitos significativos foram alcançados na elaboração do pensamento marxista-leninista da revolução brasileira, principalmente no que tange à sua primeira etapa (democrática, nacional e popular).

Este pensamento está expresso, com precisão e clareza, nos documentos básicos do Partido, que devem ser compreendidos em sua plenitude por todos os dirigentes e militantes e tomados como guias seguros no trabalho orgânico e na ação revolucionária. Entre os documentos básicos estão o Programa e os Estatutos; a tática traçada na Conferência Nacional de agosto de 1966, posteriormente enriquecida através de sucessivas Resoluções do Comitê Central e do documento intitulado "Conquistar a Liberdade Política, Alcançar a Democracia Popular"; o documento "Guerra Popular – Caminho da Luta Armada no Brasil"; e outros que fundamentam a necessidade da luta ideológica permanente contra concepções e práticas adversas ao marxismo-leninismo, bem como a política de construção do partido de tipo autenticamente leninista do proletariado para a revolução e o socialismo.

Os materiais básicos de nosso Partido abordam diversos problemas fundamentais da revolução brasileira. Tomados em seu conjunto, formam um todo harmônico do ponto-de-vista marxista-leninista, possibilitam compreender a complexidade do processo revolucionário brasileiro, suas necessidades e suas perspectivas. Permitem ao Partido guardar sempre sua coerência marxista-leninista, desenvolver um combate ideológico sem tréguas ao revisionismo e a todo tipo de oportunismo e reformismo. Permitem-lhe igualmente não cometer erros graves nem cair em posições direitistas ou "esquerdistas". Guiados por seus documentos básicos, o Partido pode manter-se firmemente nas suas justas posições estratégicas e táticas e enriquecê-las através de um combativo e constante trabalho revolucionário em todos os campos da luta de classes, combinando habilmente a rigorosa clandestinidade com os múltiplos tipos de atividade legal de massas. O Partido não perde o rumo revolucionário e tem asseguradas todas as condições para nortear com segurança a atividade de suas organizações e de seus dirigentes e militantes.

Para ser uma autêntica vanguarda proletário-revolucionária, o Partido Comunista precisa garantir sua coerência marxista-leninista, não pode deixar de ter um Programa e Estatutos em perfeita conexão com uma linha revolucionária. Necessita desenvolver luta

ideológica permanente, com base na ideologia socialista-proletária e defender a pureza do marxismo-leninismo. Não pode ater-se a diretivas que não se apóiam na análise concreta da situação concreta e que não decorram de uma linha geral marxista-leninista coerente. Jamais pode adotar posições ideológicas e políticas com base em fatores exclusivamente temporários e não permanentes, em critérios pragmáticos e utilitaristas ou em acontecimentos ocasionais.

Por guardar sua coerência marxista-leninista, nosso Partido é a força dirigente do proletariado brasileiro. O Partido Comunista do Brasil se origina da contradição antagônica fundamental entre o trabalho e o capital, da luta de classes irreconciliável entre o proletariado e a classe dos capitalistas e existe para atender os interesses vitais dos trabalhadores na luta por sua emancipação total. Precisamente por isto, nosso Partido é a expressão material da vinculação indissolúvel do marxismo-leninismo com a prática revolucionária, da fusão orgânica do movimento operário de massas com o socialismo científico, visando à realização vitoriosa do objetivo supremo da luta da classe operária – a implantação da ditadura do proletariado e a construção do socialismo e do comunismo. Com justa razão nosso Partido intitula-se Partido Comunista. Há, assim, uma diferença de princípios entre o nosso Partido e qualquer partido revolucionário nacional-libertador ou revolucionário camponês, para não falar num partido nacional e social reformista burguês ou pequeno-burguês radical. Apoiado nos princípios ideológicos e programáticos marxistas-leninistas, nosso Partido formulou seu Programa, que parte da consideração objetiva da realidade brasileira, da disposição das forças de classe em desenvolvimento no atual momento histórico e da compreensão científica sobre a impossibilidade de conduzir de imediato a classe operária e todas as massas trabalhadoras à luta pela revolução socialista. Para abrir este caminho é absolutamente necessário enfrentar e resolver, em primeiro lugar, as tarefas da revolução democrática, nacional e popular, isto é, as tarefas antiimperialistas, antilatifundiárias e antimonopolistas o que somente se consegue com a conquista de um governo popular revolucionário. É importante alcançar estes objetivos imediatos, mas eles ocupam um lugar subordinado em relação com os objetivos finais, que se sintetizam na revolução socialista, na implantação da ditadura do proletariado para a construção do socialismo. Este é o pensamento-diretor da concepção leninista sobre a hegemonia do proletariado na revolução democrática e na revolução socialista, tomadas como um movimento revolucionário único e ininterrupto dialeticamente desdobrado em duas etapas mas dirigido consequentemente pela classe operária e seu partido de vanguarda. Nosso Partido se guia por esse princípio-diretor leninista na elaboração de sua linha política revolucionária e na sua atividade em todos os campos da luta de classes. Dirigindo a luta libertadora, o Partido utiliza, no processo desta luta, táticas e formas de ação revolucionária de massas em concordância com o papel que o proletariado deve desempenhar como principal força motriz da revolução. Justamente por isto, nosso Partido é o lutador mais consequente pela vitória da revolução brasileira na sua etapa atual.

Referindo-se ao alcance da revolução popular e ao rumo que o Partido lhe deve dar, Lênin dizia que o proletariado deveria colocar-se à frente de todo o povo, e em particular dos camponeses, pela liberdade total, pela revolução democrática consequente; e logo em seguida, à frente de todos os trabalhadores e explorados, pela vitória do socialismo. Para que não pairasse dúvida sobre a correta linha revolucionária,

capaz de assegurar a hegemonia do proletariado, Lênin enfatizava: "Da revolução democrática começaremos a passar imediatamente, na medida de nossas forças, das forças do proletariado consciente e organizado, à revolução socialista. Somos partidários da revolução ininterrupta. Não ficaremos na metade do caminho". A linha marxista-leninista indica, assim, que a revolução democrática é o prelúdio da revolução proletária. "Tal deve ser, na prática, a política do proletariado revolucionário, esta é a palavra de ordem de classe que deve informar e determinar a solução de cada problema tático, de cada passo prático do Partido proletário durante a revolução", ensinava o grande mestre bolchevique.

Seguindo o marxismo-leninismo e lutando pela vitória da revolução popular e do socialismo, nosso Partido compreende a distância a percorrer e não esquece os grandes obstáculos que tem pela frente. Emprega todas as forças para aplicar com sucesso a sua linha revolucionária no movimento real presente, mas defende hoje a continuidade revolucionária consequente desse movimento. Luta pela realização de suas tarefas atuais mas mantém a mira para além do círculo das questões quotidianas, com o olhar fixo no futuro do movimento. É fiel, portanto, ao ensinamento de Engels, na crítica ao Programa de Erfurt, de que o esquecimento das grandes considerações essenciais diante dos interesses passageiros do dia; a corrida atrás dos sucessos efêmeros e da luta que se trava nas proximidades, sem a preocupação com as consequências ulteriores; o abandono do futuro do movimento, que se sacrifica ao presente – podem ter talvez móveis honestos mais são e continuarão sendo oportunismo; e o oportunismo "honesto", acrescenta Engels, é talvez o mais perigoso de todos.

Ao manter-se sempre fiel às idéias do marxismo-leninismo e sem se desviar do caminho revolucionário traçado no seu Programa, o Partido é coerente na sua conduta ideológica e política. Suas atitudes revolucionárias pautam-se pela visão da luta consequente pelos objetivos programáticos, sempre orientadas por uma tática revolucionária, combativa, ampla e flexível que não deixe campo livre aos inimigos e facilite às massas trabalhadoras e populares a ingressar no caminho da revolução através de suas próprias experiências. A essência da estratégia do Partido é a conquista de um governo popular revolucionário por intermédio da luta armada, da guerra popular. Decorre deste objetivo a essência de sua tática que se expressa fundamentalmente na preparação e no desencadeamento da luta armada popular, utilizando todas as formas de luta, dando primazia ao trabalho no interior, realizando ações de massas cada vez maiores nas cidades e nos campos, concentrando o fogo dos ataques na ditadura militar-fascista e no imperialismo ianque e chamando à unidade todas as forças populares, democráticas e patrióticas. Qualquer que seja o tipo de atividade revolucionária do Partido e o lugar em que ela se desenvolva, seu principal sentido é levar sempre adiante e até o fim as lutas pela derrubada da ditadura militar-fascista através de protestos, desde os mais simples aos mais vigorosos; dos pronunciamentos políticos democráticos às manifestações estudantís; das greves operárias às demonstrações populares nas cidades; das greves de assalariados agrícolas às lutas reivindicativas dos camponeses; dos choques armados nas regiões interioranas à resistência armada como a do Araguaia. O fundamental é que se atue sempre com a visão de que é preciso tanto ampliar ao máximo a unidade popular, democrática e patriótica como radicalizar a luta de classes nas cidades e no campo. Trabalhe onde trabalhar, cada comunista tem o dever partidário de se considerar um soldado da revolução, podendo ser convocado para

qualquer tarefa. Com esta compreensão revolucionária, precisa organizar sua vida inteiramente em função dos interesses do Partido e das massas, livrando-se de tudo que crie dificuldades ao seu trabalho revolucionário consequente e constante. Seu lema deve ser – viver, trabalhar, pensar e agir como autêntico combatente revolucionário.

De 1962 até os dias de hoje, nosso Partido pode proclamar a completa coerência que guardam seu Programa e seus Estatutos, sua luta permanente pela ideologia socialista-proletária, contra o revisionismo e todo o tipo de oportunismo e reformismo, sua estratégia e sua tática autenticamente revolucionárias, sua construção partidária marxista-leninista e sua atividade proletário-revolucionária. O que diz nosso Partido tem-se materializado em atos revolucionários. A luta diária pela aplicação de sua linha revolucionária e para fazer com que os atos correspondam às palavras – eis uma das características do Partido Comunista do Brasil.

Os dirigentes e militantes de nosso Partido sabem que têm grandes lutas pela frente. Sabem também que quanto maiores forem as responsabilidades, as dificuldades e os sacrifícios na preparação, no desencadeamento e no desenvolvimento das lutas de todos os tipos e em todos os níveis, mais combativos e imbatíveis se tornarão.

Ao guardar sempre a coerência marxista-leninista nas suas posições e na sua atividade revolucionária, nosso Partido preservará sua fisionomia de autêntica vanguarda do proletariado, conservará intocável os princípios revolucionários que o norteiam.

AVANÇA O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Novamente, em ondas sucessivas, estende-se com ímpeto o movimento estudantil por todo o país.

Os estudantes brasileiros, sobretudo os universitários, demonstram mais uma vez, após treze anos de regime militar, que não se vergam à tirania e ao terror dominantes. Levantam-se de norte a sul, das grandes às médias cidades, em defesa das suas reivindicações mais sentidas, empunhando com destemor a bandeira da liberdade, enfrentando a violência e a arrogância dos detentores do Poder. Principalmente a partir de abril deste ano, os estudantes vêm assumindo um papel de destaque entre as forças populares, sobressaindo sua presença num cenário político em que prevalece o mais puro arbítrio.

AS LUTAS EM ASCENSO

Em cidades como São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, os estudantes saem às ruas para expor suas reivindicações mais sentidas, para protestar contra o regime da mordaça e exigir liberdade; somam crescentes esforços em todo o país visando a alcançar a reorganização das entidades estudantis tradicionais e reforçam o nível de base com os diretórios e centros acadêmicos; levantam-se em greves de grande amplitude nas várias universidades a fim de exigirem seus direitos; realizam assembléias desde as salas de aula ao *campus* universitário; promovem amplas concentrações estudantis com a participação de outras organizações populares e personalidades democráticas; promovem um dia de luta, em âmbito nacional, organizam comitês pró-anistia, elaboram cartas-abertas ao povo, mobilizam-se em manifestações de vigília reclamando a libertação de seus colegas presos. Intensificam os meios de agitação e propaganda, editam combativos jornais em defesa dos direitos estudantís e populares, procuram desenvolver o debate de temas sobre a atualidade nacional com a realização de seminários e ciclos de palestras ou montam concentrações artísticas em defesa da cultura popular.

O atual movimento estudantil apresenta-se como forte estímulo à luta antiditatorial e vem sendo fortalecido por amplo apoio e participação das massas populares, as quais identificam nas bandeiras corajosamente desfraldadas nas ruas pela mocidade estudantil, suas aspirações mais prementes.

As ações estudantís são expressão do descontentamento generalizado da imensa maioria da nação diante do regime dos generais. Várias entidades de prestígio nacional levam seu apoio à luta dos estudantes. Na presente fase, também os professores realizam assembléias e divulgam manifestos pleiteando ampla liberdade para melhor exercerem

suas atividades, demandando aumento salarial e adequadas condições de trabalho, demonstrando assim a extensão dos graves problemas do ensino.

REPRESSÃO BRUTAL

Ao crescente e justo movimento que ressurge nas universidades e ganha amplo apoio popular, qual tem sido a resposta dos governantes?

Como sempre, seguindo sua lógica reacionária, a ditadura utiliza dois expedientes: em primeiro lugar, recorre à feroz repressão policial e a todas as formas de intimidação e, em segundo lugar, tenta atribuir o ascenso do movimento estudantil a "minorias radicais, estranhas aos estudantes". Visa, assim, a paralizar o movimento pela força e ao mesmo tempo isolá-lo das massas estudantís e populares.

Em suas primeiras manifestações, a ditadura, através de seus prepostos, trata de anunciar que "o governo considera intolerável o atual movimento estudantil". Em seguida, os próprios generais declararam insolentemente que "não admitiriam tamanha provocação". Em menos de trinta dias, durante a fase de crescimento das ações estudantís, a imprensa noticiou a mobilização de quase 40 mil homens fortemente armados, no conjunto do país, a fim de fazer frente a indefesos rapazes e moças que protestavam. Nesse mesmo período, as Forças Armadas e a polícia prenderam mais de mil estudantes. Munida de sofisticado aparato de luta contra as massas, portando bombas e armas de grosso calibre, a Polícia Militar investiu covardemente em várias cidades contra os estudantes, populares, jornalistas, pessoas idosas, etc. A ferocidade policial atingiu o desespero, sobretudo nas ruas de São Paulo, onde, ao lado das forças repressivas, encontrava-se o próprio coronel chefe da "segurança pública" armado de pistola e bombas. A força policial invadiu *campus* universitários e chegou até a depredação de estabelecimentos de ensino, como ocorreu na universidade de Brasília. Aprofundando mais ainda as medidas de arbítrio, o governo proibiu manifestações de rua em todo o país e chegou a interditar um seminário de debates, em Londrina, com a participação de conhecidas personalidades. Numa tentativa de conter o alastramento do movimento estudantil, o sistema repressivo vem intimidando e sequestrando dirigentes estudantís e professores.

Tudo isso, revela bem o nível de degradação a que chegou o regime militar, denuncia seu caráter fascista e expõe aos olhos da nação o elevado grau de isolamento político dos generais.

GRAVES PROBLEMAS NO SISTEMA DE ENSINO

A crise crônica que grassa no país tornou-se mais grave e profunda depois do golpe de 1º de abril de 64. Tal situação reflete-se sobremodo no sistema escolar e universitário, levando-o a uma situação de falência.

Os atuais governantes têm sido incapazes de resolver a calamitosa situação do ensino, que não sofreu modificações essenciais. No fundamental, tudo continua como dantes:

milhões de brasileiros permanecem na ignorância e não têm acesso a mais elementar conquista do conhecimento humano. O Brasil ocupa os últimos lugares nas estatísticas mundiais sobre a instrução pública.

As mudanças efetuadas no ensino primário e secundário foram puramente formais, agravando-se mais ainda os problemas existentes nesse nível de ensino. O déficit de vagas é permanente, sobretudo nas grandes cidades. Centenas de pequenas cidades não possuem o curso médio e milhares de vilas e povoados não contam com o curso primário. O ensino básico e médio tornou-se mais caro, gravado com novas taxas e anuidades. Até mesmo na escola primária, o aluno tem que pagar uma taxa para participar das provas finais. Neste nível de ensino proliferam os estabelecimentos particulares que cobram pesadas mensalidades e oferecem baixo nível de aprendizado. Uma série de fatores conduziram o ensino médio a uma queda de qualidade, tais como: os professores são forçados a estender suas atividades profissionais a fim de compensar os baixos vencimentos; as salas de aula vivem num regime de superlotação; as escolas em geral não têm nenhuma aparelhagem para atender ao ensino prático; a cadeira de história foi substituída por matéria de propaganda do regime. Aproveitando-se desta situação, prolifera uma verdadeira rede comercial dos denominados cursinhos, os quais, na prática, se constituíram em mais um degrau do ensino médio, com um agravante – os cursinhos são 100% controlados por particulares e cobram elevadas taxas. A atual situação impede que um número maior de jovens possa concluir o ensino médio e disputar uma vaga no curso superior.

A crise do ensino superior adquiriu novas conotações e em grande parte tornou-se mais grave. As diretrizes da Reforma Universitária, que vêm sendo aplicadas, se bem não correspondam na totalidade ao Plano ATCON (obstaculizado em parte pela intensa luta estudantil de 1966 a 1969) seguem, entretanto, seus princípios básicos. As diretrizes que prevaleceram na Reforma Universitária visam em resumo: estruturar um ensino de cunho tecnicista que restringe o acesso ao conhecimento social, filosófico e cultural; moldar um sistema que facilite a aplicação de *know-how* estrangeiro, em detrimento do desenvolvimento da pesquisa científica nacional; e estimular a privatização do ensino superior, atraindo inclusive capitais estrangeiros para as universidades. Essa estruturação do ensino superior visa a atender cada vez mais às exigências de um sistema econômico dependente dos grandes monopólios imperialistas, especialmente, dos Estados Unidos.

A aplicação de tais diretrizes, inseridas numa realidade econômica e social como a reinante depois de 1964, determinou uma séria situação. Antes de 1964 o ensino superior no Brasil era 70% público e gratuito e 30% privado e pago. Hoje a situação inverteu-se, ele é quase 70% controlado por particulares, enquanto que o ensino público superior estacionou, situando-se numa proporção atual de aproximadamente 30%. Acrescente-se a isso a elevação das anuidades nas universidades públicas que, anteriormente, eram apenas simbólicas. Completa esse quadro sombrio a diminuição de verbas para a universidade (o corte de verbas para a USP no próximo plano ultrapassa a mais de um bilhão de cruzeiros) e os salários insuficientes dos professores. Isto tudo acarreta uma diminuição acentuada na qualidade do ensino.

O ensino atual no Brasil é muito mais dispendioso para quem estuda, portanto mais elitista. Decresceu na qualidade e se transformou num ensino eminentemente tecnicista.

Esta situação se choca com a crescente aspiração da juventude que quer ter acesso ao desenvolvimento cultural. Uma grande parte da juventude vai adquirindo maior consciência desse quadro real, distingue melhor os problemas intrincados e suas causas. Isso acontece mais facilmente entre os estudantes. Certas particularidades históricas e sociais propiciam a estes os meios de perceber, muitas vezes com rapidez, as questões nacionais e as aspirações populares, resultando daí lutas e movimentos democráticos de níveis sempre mais elevados.

CARÁTER PROGRESSISTA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

O movimento estudantil no Brasil, principalmente a partir da década de 30, tem sido sempre expressão combativa do movimento popular, antiimperialista e democrático. Nele tem-se desenvolvido larga tradição de lutas e variadas experiências de organização, sobretudo entre os universitários.

Mesmo levando-se em conta a prevalência de longos períodos de repressão e de obscurantismo no correr da história contemporânea do Brasil, as universidades têm sido um dos centros importantes do movimento de idéias no país e um lugar onde a juventude pode melhor tomar contato com o progresso social e científico. Entre os estudantes universitários e alguns setores de professores cresceu o interesse em conhecer a realidade brasileira, em busca de soluções progressistas e até socialistas para os problemas fundamentais da sociedade. Nas últimas décadas grande é a influência no âmbito universitário do pensamento avançado, das idéias e da doutrina revolucionária do marxismo. Os estudantes vão assim alcançando uma outra visão dos problemas políticos e sociais, e progridem no rumo de novas definições de atitudes. Entretanto, suas aspirações políticas esbarram com a realidade de um regime de capitalismo dependente, onde prevalece profundas deformações econômicas e sociais, geradas pelos grandes trustes, e com os entraves provocados pela extrema concentração da propriedade territorial. A ditadura militar é a expressão política concentrada desse regime decadente. A sustentação de tal regime impõe a fascistização crescente do Poder. É diante do obstáculo que ele representa para a verdadeira independência nacional e a democracia e da sua incapacidade de resolver os angustiantes problemas do ensino, que os estudantes se levantam. A luta estudantil surge, assim, de um processo objetivo, não é resultado de nenhuma criação artificial ou estranha ao seu meio. Prova disso é a feroz repressão desencadeada sobre as massas e as lideranças estudantís nesse longo período de regime militar.

Desde o assassinato do estudante Edson Luís, em 1967, centenas de estudantes tombaram heroicamente na luta contra a ditadura, milhares foram presos, sequestrados e torturados barbaramente. Outros tiveram que se exilar. Inúmeros são perseguidos e têm que viver na clandestinidade. Na ansia de conter a todo o custo o movimento estudantil, os militares desenvolvem há muito tempo intenso controle policial sobre os estudantes, exercem numerosas formas de perseguição, infiltram seus agentes, montam corpos policiais dentro da própria universidade e decretam uma legislação fascista, ultra-reacionária, cujo centro tem sido o Decreto 477. A ditadura procurou atingir e desmantelar as organizações estudantís em todos os níveis, chegando a fechar o foro interno das reivindicações estudantís – os diretórios acadêmicos – e a desnaturar os grêmios dos estudantes secundaristas.

Hoje em dia, para o regime dos generais, toda a juventude é suspeita. A coação e a repressão generalizadas abateram-se sobre a mocidade. A ditadura pensa submetê-la pela violência e, ao mesmo tempo, estimula a corrupção, a bajulação, o conformismo, a apatia, levando uma parte da juventude até à degenerescência moral.

O ascenso atual do movimento estudantil evidencia claramente que uma parcela significativa da juventude não se deixa abater. Ergue-se com vitalidade e ardor contra a prepotência dos militares. Dá continuidade às lutas em prol da liberdade e se inspira nas mais elevadas tradições da juventude brasileira de todos os tempos.

MAIS UNIÃO E MOBILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES

O amplo e vigoroso movimento estudantil continuará crescendo.

Aos comunistas cabe assumir seu papel de vanguarda nesse importante movimento popular, encontrar as formas e os meios adequados de luta, empregando melhores métodos de trabalho e lançando palavras-de-ordem mais oportunas visando à conquista da liberdade política e de um novo regime.

Como exigência mais sentida de todo o povo, coloca-se a liquidação da ditadura, porque esta representa o maior obstáculo para o desenvolvimento independente do país e o progresso social. Cada vez é maior o sentimento da quase totalidade dos brasileiros em favor da convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita, da abolição de todos os atos e leis de exceção, da anistia geral. O movimento estudantil, como parte do movimento popular, exprime no presente idêntico sentimento.

Tem sido rica a experiência de luta dos estudantes, principalmente no fim da última década. É oportuno retirar os ensinamentos do passado para melhor enfrentar a ferocidade e as artimanhas dos detentores do Poder, e alcançar os objetivos visados. A todo instante, objetivando o desenvolvimento da luta, deve-se ter em conta o nível de consciência das massas, bem como as manobras da reação tendentes a confundir a opinião pública e isolar os mais destacados e consequentes lutadores. Dentro desse prisma, é necessário observar as experiências relativas aos erros e incompreensões que se manifestaram anteriormente. Entre estes, destacam-se os seguintes: atribuir aos estudantes o papel de vanguarda no processo da luta popular e revolucionária; imprimir um caráter nitidamente partidário às organizações estudantís; lançar palavras-de-ordem além do alcance das massas; empregar método e estilo de liderança baseados nas cúpolas, desprezando a participação efetiva das massas; atrelar o movimento estudantil unicamente às reivindicações específicas e de curto alcance; amainar a disposição de luta dos estudantes.

Compreender as lições do passado e identificar também as particularidades do presente são passos necessários para levar o movimento estudantil a cumprir decisivo papel dentro do movimento popular. Nos dias atuais crescem de importância a unidade para a luta, a amplitude e o vigor do movimento, a consolidação e crescimento da organização dos estudantes.

A unidade para a luta contra a ditadura é o trunfo da vitória. É preciso que o movimento estudantil participe da ampla e combativa frente antiditatorial, propugnando a união com professores, intelectuais e setores democráticos e progressistas, como igualmente procurando aliar-se aos trabalhadores e às suas lutas.

É indispensável que o movimento estudantil seja realmente amplo. E que saiba relacionar as reivindicações mais imediatas e sentidas dos estudantes com os problemas políticos gerais, visando a elevação do nível das lutas e de consciência das massas estudantís.

É indispensável utilizar todas as formas de luta a fim de organizar e unir os estudantes em todo o país, consolidar as organizações existentes, estender a organização de base em todas as faculdades e avançar na criação de um órgão representativo nacional dos estudantes.

O movimento estudantil já vem atuando nesse sentido. O desenvolvimento crescente dessa atuação multiplicará as suas energias, tornando-o, assim, fator importante na formação de um poderoso movimento em favor da liberdade e contra a ditadura.

A PALAVRA DE ENVER HODJA NUM ENCONTRO COM O PC DO BRASIL

Em maio de 1963, uma delegação do PC do Brasil, chefiada pelo camarada Pedro Pomar, visitou a Albânia. Nessa ocasião, entrevistou-se com Enver Hodja, talentoso dirigente do PTA e uma das mais destacadas personalidades do movimento comunista mundial. Os trechos principais dessa conversação foram recentemente publicados pelos camaradas albaneses. Reproduzimos abaixo esse documento que, além dos ensinamentos que contém, mostra a maneira fraternal e correta de como o PTA trata os partidos irmãos. É preciso salientar que, na época, o PC do Brasil contava apenas pouco mais de um ano após sua reorganização.

CAMARADA ENVER HODJA: Camaradas, estamos muito contentes com a vinda de vocês a nosso país. Agradecemos por isso ao Comitê Central de seu Partido e a você pessoalmente! Também agradecemos, em nome do Comitê Central do nosso Partido, a calorosa mensagem que trouxeram! Isso é uma grande ajuda para nós.

Estamos extremamente sensibilizados por vocês terem percorrido um caminho tão longo para chegarem a nosso pequeno país, para nos conhecermos e trocarmos idéias. Nossos países são geograficamente distantes um do outro, mas nós, comunistas dos dois países, somos muito próximos, porque temos um objetivo comum, porque travamos a mesma luta, com os mesmos esforços e sacrifícios, e teremos a mesma vitória.

Como lhes parece a Albânia?

CAMARADA PEDRO POMAR: Para nós foi uma grande alegria quando nos noticiaram que viríamos à Albânia. Isso foi uma ajuda preciosa para nós, pois no Brasil os reacionários e revisionistas nos denunciam, fazem propaganda e calúnias contra nós.

CAMARADA ENVER HODJA: E quando os inimigos não xingaram os marxistas-leninistas?

CAMARADA PEDRO POMAR: É realmente uma rara amizade a que vocês nos reservaram. Para nós, conhecer de perto a experiência do Partido do Trabalho da Albânia e pessoalmente o camarada Enver é uma

ocasião muito importante e significativa. Nós conhecemos a atividade do camarada Enver desde a luta de Libertação Nacional e sempre seguimos com atenção e respeito os esforços revolucionários do Partido e do povo albanês. Nestas circunstâncias, tão especiais para o movimento comunista internacional, fica claro que o mérito da Albânia. aumenta continuamente. Isso assumiu hoje uma importância especial para nós; por isso, nesta oportunidade, apressamo-nos em chegar para conhecer de perto e ao máximo a Albânia e o povo albanês.

CAMARADA ENVER HODJA: Muito obrigado pelas palavras calorosas que você dedicou ao Partido do Trabalho da Albânia e ao povo albanês.

Nós dizemos que a experiência do nosso Partido e do nosso povo é uma experiência pequena. Mas, como marxistas-leninistas, devemos dizer que os comunistas, sejam de um Partido grande ou mesmo de um Partido menor, devem aproveitar o máximo uns dos outros. Nosso Partido sempre teve claro que a experiência dos Partidos irmãos, em primeiro lugar do Partido de Lênin e de Stálin, do Partido Comunista da China, do grande movimento revolucionário, da luta dos Partidos Comunistas da América Latina e dos Partidos marxistas-leninistas de todos os Continentes, tem sido uma ajuda extraordinária. Naturalmente, baseando-se no marxismo-leninismo, nosso Partido procura tomar, trabalhar e aplicar esta experiência de acordo com as condições do nosso país.

Se nós alcançamos estes êxitos, não foi por sermos desde o início sábios e dominarmos grandemente a teoria. Quando nosso Partido iniciou a luta, nossa gente conhecia muito pouca teoria. Mas sabíamos algo importante: para vencer, deve-se criar o Partido; por isso criamos um Partido marxista-leninista revolucionário. Nós organizamos o Partido com base na grande experiência do Partido de Lênin, aplicamos e conservamos seus princípios, temperamos o espírito revolucionário dos comunistas, tendo em vista o grande objetivo – libertar o povo dos ocupantes fascistas e da feudoburguesia reacionária do país. Sem um tal Partido marxista-leninista, teria sido impossível para nós conquistar a liberdade e instaurar a ditadura do proletariado, a democracia popular, que é uma forma de ditadura do proletariado.

Nossa experiência mostrou que com um pequeno núcleo de comunistas que éramos no início, fundou-se o Partido marxista-leninista da Albânia, que encarnou em sua linha os desejos e aspirações do povo. (No início nós éramos no total 200, enquanto que seu Partido é atualmente muito maior).

Nossa vitória consiste na defesa consequente dos princípios ideológicos, organizativos e políticos do Partido e nos vínculos muito estreitos que criamos com as massas do povo. Desde o início nós passamos por lutas renhidas com trotsquistas e oportunistas, que procuravam liquidar o Partido a partir de fora e de dentro. Mas travou-se uma luta decidida contra eles. Nós desmascaramos seus pontos de vista oportunistas dentro e fora do Partido e os excluímos do Partido. Ainda no tempo da luta, eles se ligaram à reação e aos ocupantes. E a luta os liquidou.

Nosso Partido conquistou uma rica experiência com a luta consequente e sem

compromissos que travou contra a camarilha traidora de Tito e, agora, contra o traidor revisionista Kruschov. Nosso Partido desmascarou e vai desmascarar ainda mais estes renegados.

A manutenção desta atitude foi em muitos sentidos difícil para nosso Partido, pois nós nos contrapusemos à direção da União Soviética, à direção do Partido Comunista da União Soviética, e sabíamos que, devido a nossa atuação marxista-leninista, essa direção traidora travaria uma luta furiosa para deturpar a verdade e nos vencer. Mas o Comitê Central de nosso Partido considerou que devia defender o marxismo-leninismo, devia defender o Partido, devia defender o movimento comunista internacional, devia defender a própria União Soviética desses inimigos que haviam chegado à sua direção. E assim começou a luta. Nós levamos em conta todos os métodos antimarxistas e caluniosos que N. Kruschov empregaria para nos dobrar, mas estávamos convictos de que ganharíamos a luta, pois nós estávamos no caminho justo.

Antes de iniciarmos a luta aberta contra a direção revisionista da União Soviética, nós aguentamos, aguentamos muito. Nós vimos, não agora, nestes três últimos anos, mas desde que subiu Kruschov, que a direção da União Soviética estava trilhando um caminho antimarxista e antileninista. Com base nas normas leninistas, nós dissemos desde o início aos dirigentes soviéticos quais eram nossas opiniões sobre as questões em que discordávamos deles. Desta forma, nós não escondemos do grupo de N. Kruschov nossa opinião sobre a questão de Stálin, sobre a questão iugoslava e sobre muitas outras questões; mas Kruschov se esquivava.

Sendo antimarxista, ele pensava que nós nos dobraríamos diante de seus atos e revenciaríamos a "ajuda" que nos prometia. Mas nossa atitude cada vez mais resoluta fez Kruschov compreender que jamais conseguiria nos dobrar; por isso, esperou e tramou planos para com o tempo liquidar a direção do nosso Partido. No entanto, nem isso pôde fazer.

Os revisionistas estão vinculados ao imperialismo em seu trabalho contra o marxismo-leninismo. Por isso a luta contra o revisionismo é um combate que não acabará depressa. De nossa parte, vamos ter de fazer grandes esforços, pois a corrente revisionista ocupou posições em muitas direções de partidos comunistas e operários e porque sua linha cheia de demagogia está causando grandes danos a outros partidos, seja nos chamados países socialistas da Europa, seja nos países capitalistas. Naturalmente isso se apresenta de diferentes formas, mas, segundo julgamos, o objetivo é o mesmo: liquidar os Partidos marxistas-leninistas sob a fórmula de "aplicar criadoramente o marxismo-leninismo". Assim, o Partido Comunista da Itália, por exemplo, prega a tomada do Poder pelo caminho pacífico, por meio de reformas estruturais. Essa teoria revisionista vem sendo trabalhada em todos os partidos comunistas e operários da Europa Ocidental em que os revisionistas estão na direção. Existe o grande perigo dessa tendência revisionista se expandir também nos países da América Latina. O grupo de Prestes *(Nota: L.C. Prestes – Secretário-Geral do PC revisionista Brasileiro)* e outros como ele não só estão nas posições de Kruschov, mas contam ainda com o estímulo do imperialismo norte-americano e da burguesia do país.

Vocês mesmos vêem isso em seu trabalho e sua luta. Nós temos uma grande

admiração pela luta de seu povo e dos povos da América Latina em geral. Seu Partido é um partido jovem, mas nós julgamos que o verdadeiro herdeiro do Partido Comunista do Brasil é precisamente o seu Partido. Nós temos seguido sua luta na medida de nossas possibilidades, mas agora, com a chegada de vocês, nós a conhecemos ainda melhor. Nós valorisamos muito sua luta e a consideramos uma ajuda para nosso Partido. Julgamos e dizemos sinceramente que sua luta e suas atitudes são justas, marxistas-leninistas.

Naturalmente vocês têm pela frente uma luta muito grande e árdua, que vai exigir múltiplos esforços e numerosos sacrifícios. Mas quanto maior e mais consequente é a luta, apoiada nos princípios do marxismo-leninismo, mais corajosos e imbatíveis se tornam os comunistas. Portanto, todo o movimento comunista internacional deve fazer grandes esforços para ajudar sua luta. O Comitê Central do nosso Partido julga que no Brasil atuam marxistas-leninistas decididos, saídos do seio do povo. Nós não sabemos em detalhe a história do Brasil, mas sabemos uma coisa – que o povo brasileiro, assim como o povo albanês, sofreu durante séculos com os colonizadores estrangeiros e com a burguesia reacionária e os latifundiários do país. Toda a luta de seu povo tem sido uma luta constante da classe operária e do campesinato contra a interferência estrangeira e a reação interna.

Nosso Partido considera que a questão do campesinato tem grande importância, tanto no passado como no presente. Quão corretamente seu Partido encara esta questão, e quão antimarxista é o ponto de vista de Prestes! A aliança da classe operária com o campesinato, que vocês apoiam, é uma verdade marxista-leninista. Sem se aplicar corretamente esta aliança, não há revolução.

Como era a situação aqui, no tempo da luta? Nós não tínhamos classe operária desenvolvida. Ela era muito pequena em número e nas cidades não havia travado lutas grevistas de caráter econômico e político na mesma escala que o Partido e a classe operária do Brasil. Mas nós tínhamos um campesinato revolucionário, lutador imbatível. Se nós tivéssemos cometido o erro que pediam os nossos trotsquistas, que nos diziam que não se podia formar o Partido nem iniciar a luta, pois antes devia se criar a classe operária, para que ela se metesse em greves e manifestações, e depois criar o Partido e iniciar a luta, nós não poderíamos vencer. Eles pregavam que a ocupação de nosso país pela Itália fascista era uma felicidade, que ajudaria a criar o proletariado e o Partido! Mas nosso Partido liquidou esses trotsquistas juntamente com suas teorias e começou a luta. Fortalecendo o Partido orgânica e politicamente, baseando-nos em pontos de vista marxistas-leninistas, na ideologia da classe operária e em estreita aliança com o campesinato, nós levantamos as amplas massas do povo contra os ocupantes. O campesinato jogou um grande papel nessa luta. O Partido o educou no espírito da classe operária, na ideologia, nos objetivos e nos pontos de vista marxistas-leninistas da classe operária.

Naturalmente, as condições concretas do Brasil não são as mesmas nossas, mas os ensinamentos pelos quais nos guiamos são os mesmos – os princípios do marxismo-leninismo. Vocês têm no Brasil uma classe operária desenvolvida, mas têm também um grande campesinato, que é menos desenvolvido do que a classe operária, mas não fica atrás em matéria de espírito revolucionário, caso seja bem dirigido. Caso o nosso Partido não tivesse dirigido bem o campesinato, ele teria sido colocado a reboque

dos "bejs", "agás" e kulaks *(Nota do tradutor: "Bei" e "Agá" – títulos nobiliárquicos do império otomano, empregados na Albânia para designar grandes senhores de terras).* Mas a justa política do Partido, vinculando estreitamente a causa da libertação do país à solução dos problemas vitais do campesinato, fez com que ele se unisse à luta da classe operária e de todo o povo.

Sua linha em relação ao campesinato, companheiros, é justa e vai vencer. Mas nós sabemos que isso não se consegue facilmente nem do dia para a noite. Além dos imperialistas ianques, vocês têm como inimigos jurados a burguesia reacionária do país e também o Partido revisionista, Prestes e companhia. Mas pode-se vencê-los? Eles podem ser vencidos e serão vencidos. Há muitos exemplos que comprovam que o campesinato desempenha um grande papel para a vitória da revolução quando é dirigido e educado corretamente. Na Argélia, por exemplo, o campesinato participou ativamente da luta pela libertação nacional. Mas o Partido Comunista da Argélia permaneceu nas cidades, trabalhando com os sindicatos, como fazia também o Partido Comunista da França, porque pensava que permanecendo nas cidades tomaria o Poder. Foram outros que conclamaram o campesinato, ergueram-no em luta e chegaram ao poder, em lugar do Partido Comunista erguer na luta e dirigir à vitória a classe operária, o campesinato e todas as massas. Será marxista-leninista essa atitude da direção do Partido Comunista da Argélia? Como eu disse antes, nos anos de nossa luta de Libertação Nacional não havia aqui uma grande classe operária, mas conclamou-se o campesinato a tornar-se um forte aliado daquela pequena classe operária que havia; o ponto frágil da burguesia interna e do poder estava precisamente no campesinato, porque nosso campesinato, que sempre se distinguiu por seu elevado patriotismo, era a classe mais sofrida, não tinha pão para comer, padecia com o domínio estrangeiro e com a opressão feudal.

Nós vemos que a tática de Prestes e companhia, de Togliatti e Thorez é concentrar todo o seu trabalho nos centros operários e desenvolver ali os pontos de vista revisionistas. Portanto, vocês têm razão de estar agora em divergência com Prestes, tanto sobre muitas outras questões como também sobre a atitude para com o campesinato.

Vocês próprios conhecem seus problemas, mas nós pensamos que é justa sua luta para erguer a classe operária na revolução, para uní-la ao Partido Comunista do Brasil, para lançá-la ao combate por reivindicações econômicas e políticas, para educá-la no espírito do marxismo-leninismo, para depurá-la do revisionismo e para ligá-la ao campesinato.

Nós julgamos que com sua atitude, com o seu Programa e com a sua luta, vocês desbaratarão a linha do Partido Comunista revisionista Brasileiro e atrairão para si a maior parte dos bons comunistas que ele tem. É tarefa fundamental de cada partido marxista-leninista ganhar para si as amplas massas trabalhadoras, especialmente a classe operária e o campesinato, convencê-las da justeza de sua causa, resguardá-las das fraudes que a reação possa empregar, organizá-las e dirigí-las com perícia pelo caminho difícil mas glorioso da revolução. Nosso Partido sempre foi desde a sua fundação o único partido político da Albânia; foi ele que organizou a Frente de Libertação Nacional. Mas também a reação apressou-se em criar sua organização, sob lemas "democráticos". Nosso Partido seguiu uma política justa para impedir que as massas se deixassem enganar por aqueles lemas e caíssem na armadilha da reação. Com base em nossa justa linha, agarrando alguns pontos de vista demagógicos dos chefetes daquela organização

reacionária, nós dissemos a eles: " — Venham e lutemos, já que também vocês dizem que são pela luta contra os ocupantes!" Mas na realidade eles não queriam lutar. Desta forma as massas não foram atrás deles e só ficaram naquela organização os traidores de nosso povo, os "bejs" e "agás", grandes comerciantes e algumas pessoas enganadas que se ligaram estreitamente ao inimigo. Assim, com a luta que vocês travarão, também a classe operária do Brasil verá quem tem razão, o Partido revisionista de Prestes ou o Partido Comunista do Brasil. Na verdade, a linha revisionista seguida por Prestes coloca-o cada vez mais a reboque da burguesia.

Nosso Partido sempre manteve uma atitude justa e madura; ele não teve medo dos elementos hostís, desmascarou-os sem mercê e o povo o compreendeu, enquanto manteve uma atitude também madura para com os verdadeiros patriotas e nacionalistas honrados. Houve pessoas de pontos de vista progressistas e com influência junto a nossos camponeses patriotas, mas que no início não tinham muita clareza quanto ao programa de nosso Partido. Nós fizemos um trabalho muito cuidadoso com eles, sem fazer concessões no programa do Partido. Assim, por exemplo, colaboramos fraternalmente com eles nos pontos em que estavam de acordo conosco, pois eles não eram pelo comunismo, mas por um programa mínimo. Ao colaborarmos com eles, ao os esclarecermos com cuidado e paciência sobre o programa e os objetivos do Partido e de sua luta, eles se lançaram nas fileiras da Frente de Libertação Nacional. Durante a luta e as ações concretas contra os ocupantes e os traidores do país, eles se convenceram ainda mais da correção da linha do Partido, lutaram com bravura, abraçaram a ideologia do Partido e muitos deles, aceites no seio do Partido, tornaram-se seus devotados combatentes. Temos um camarada renomado *(Nota: trata-se do camarada Myslim Peza)*, que foi um dos primeiros guerrilheiros, que teve grande influência entre os camponeses da comarca de Tirana, por seus sentimentos patrióticos, pelo ódio que tinha dos reacionários internos e dos ocupantes estrangeiros, por defender a gente simples do povo. Naquela época ele não era comunista; e dizia:" — Eu estou e estarei com aqueles que lutam contra o ocupante". Quando nossos camaradas o procuraram e lhe disseram qual era o Programa do Partido, ele disse:" — É verdade que não sou comunista, mas concordo com a linha do Partido Comunista". E assim lutou com valentia e consequência pela causa da Pátria, do Partido e do povo. A burguesia, o clero e os mais diversos traidores usaram pressões, armadilhas e numerosos complôs contra ele, mas ele não se abalou porque via a linha justa do Partido pela libertação nacional e social. Agora ele tem cerca de 65 anos, é um dos melhores comunistas e vice-presidente do Presidium da Assembléia Popular.

(Mais adiante, após falar sobre uma série de problemas relativos ao movimento comunista internacional, as agudas contradições que se desenvolviam dentro das hostes revisionistas e o grande papel dos Partidos e forças marxistas-leninistas na luta contra o imperialismo, o revisionismo contemporâneo e a reação, o camarada Enver Hodja prosseguiu):

Nosso Partido considera que quando cada Partido e cada comunista tem claro os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, as questões da criação do partido marxista-leninista da classe operária e de seu papel de vanguarda, da aliança com o campesinato e em torno dela da congregação das forças progressistas, a questão da ditadura do proletariado, a luta revolucionária, então todas as manobras do imperialismo

e dos inimigos do socialismo saltam aos olhos; e assim os Partidos Comunistas saberão definir corretamente sua tática, aplicá-la e vencer. Também o camarada Stálin, quando nos aconselhava, dizia-nos que não há receitas de como proceder nesta ou naquela situação, como resolver este ou aquele problema.

Isso tem importância porque somente os comunistas de cada país conhecem melhor do que ninguém mais a situação de seu país. Eles têm condições de, com base nesse profundo conhecimento e apoiando-se nos princípios do marxismo-leninismo, encontrar depois também o remédio para a solução de qualquer problema. Não se trata aqui de não conversarmos entre os camaradas e não trocarmos experiências, pois nós somos marxistas-leninistas e devemos tomar a experiência uns dos outros, mas cada qual deve decidir com base na situação concreta de seu próprio país.

Agora, camaradas, tenho uma proposta: já que chegou a hora do almoço vamos comer juntos e ali podemos continuar conversando...

(Publicado pela primeira vez, com cortes, segundo o texto extraído do registro da conversação, que encontra-se no arquivo central do PTA).

MENSAGENS DE CONDOLÊNCIAS

Em continuação, transcrevemos as mensagens de condolências enviadas pelos Partidos marxistas-leninistas ao PC do Brasil por motivo da morte dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, vítimas da repressão sangrenta da ditadura militar-fascista.

DO PC de ITÁLIA (m-l)

A ditadura brasileira assassinou três dirigentes do Partido Comunista do Brasil, valorosos combatentes proletários: Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond.

O camarada Pedro Pomar era um dos principais dirigentes do Partido Comunista do Brasil, veterano do Movimento Comunista e Operário Internacional, experimentado combatente em numerosas batalhas contra o imperialismo, o social-imperialismo e o revisionismo moderno. O espírito de sacrifício destes camaradas, que chegaram a dar a vida pela causa revolucionária, constitui um exemplo não só para os militantes comunistas e combatentes antifascistas do Brasil, mas também para o Movimento Comunista (marxista-leninista) Internacional, para a classe operária e as massas populares empenhadas na primeira linha dos combates de classe.

O nosso Partido exprime ao Partido irmão do Brasil toda a sua solidariedade militante e o empenho em combater cada vez mais estreitamente ao seu lado no internacionalismo proletário.

O criminoso assassinato dos três camaradas e o gravíssimo perigo de vida que correm os outros camaradas exigem que nos mobilizemos desde já para exigir a libertação imediata destes militantes e de todos os presos políticos, que se exerça uma pressão crescente sobre as autoridades brasileiras reclamando a libertação dos camaradas.

DA DELEGAÇÃO DO PCR do URUGUAI

A delegação do Partido Comunista Revolucionário do Uruguai faz um apelo a todos os camaradas, aos operários, estudantes e a todos os antifascistas e democratas para que

desencadeiem uma campanha internacionalista de condenação ao regime assassino e vende-pátria do fascista Geisel, que no mês passado mandou assassinar três camaradas membros da direção do Partido Comunista do Brasil: Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond.

Chamamos as organizações democráticas, os partidos políticos, personalidades democráticas a promover urgentemente as mais variadas provas de solidariedade denunciando e condenando o novo crime da ditadura, exigindo do governo brasileiro a imediata liberdade dos camaradas presos e a publicação dos nomes que não foram dados a conhecer.

O nosso Partido que conhece na sua própria carne a sangrenta repressão da ditadura fascista que impera no nosso país, e que neste momento levanta uma campanha internacional pela libertação do nosso Secretário Político, Mário Echenique, detido desde há um ano e meio nas prisões argentinas, solidariza-se com seus irmãos de ideais e de lutas do Brasil e empenha todas as suas forças para arrancar da prisão onde a canalha fascista os detêm, todos os presos políticos brasileiros e, em primeiro lugar, os do Partido Comunista irmão do Brasil.

DO PC da GRÉCIA (m-l)

Foi com profunda dor que os comunistas marxistas-leninistas assim como todos os democratas gregos tomaram conhecimento do covarde assassinato de três camaradas dirigentes do PC do Brasil, pelas forças militares do regime fascista do Brasil.

Os camaradas Pedro Pomar, membro da Comissão Executiva do Comitê Central, Ângelo Arroio, membro da Comissão Executiva do Comitê Central, e João Batista Drumond, membro do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, tombaram heroicamente na noite de 15 para 16 de dezembro no cumprimento da sua missão para com a classe operária e o povo do Brasil.

Apesar do terror fascista e contra ele, o proletariado e as massas populares do Brasil, sob a direção do heróico Partido Comunista, avançam firmemente para a vitória. O sacrifício dos três quadros dirigentes do PC do Brasil chama-os a reforçar a sua luta e a seguir os exemplos dos heróicos camaradas que tombaram na dura luta de classes.

O nosso Partido exprime a mais calorosa solidariedade ao PC irmão do Brasil e ao povo brasileiro e denuncia perante os democratas e antifascistas gregos o terror inaudito desencadeado pelos fascistas brasileiros sob a direção direta dos imperialistas americanos contra o movimento popular e democrático do Brasil.

O nosso Partido denuncia ainda a prisão de outros antifascistas pelas forças militares de São Paulo, que estão sendo cruelmente torturados nas prisões fascistas.

O sangue dos comunistas marxistas-leninistas brasileiros, que foram assassinados em São Paulo, não foi derramado em vão.

O seu sacrifício mostra o caminho do esmagamento definitivo do fascismo, do imperialismo, do social-imperialismo e da reação.

Honra aos heróis comunistas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond! Viva o heróico Partido Comunista do Brasil!

O Birô Político do Comitê Central
do Partido Comunista da Grécia (marxista-leninista)

Atenas, 30 de dezembro de 1976

DO PC da SUÉCIA

Com profunda consternação, o Partido Comunista da Suécia recebeu a notícia de que três camaradas dirigentes do Partido Comunista do Brasil foram brutalmente assassinados pelas tropas do Exército brasileiro.

Os camaradas Pedro Pomar e Ângelo Arroio, membros da Comissão Executiva do Comitê Central, e o camarada João Batista Drumond, membro do Comitê Central do PC do Brasil, todos são combatentes de longa data contra o imperialismo, o revisionismo e as forças reacionárias, pela revolução do povo brasileiro.

A sua morte no enfrentamento com as forças armadas das autoridades reacionárias foi uma pesada perda para o Partido Comunista do Brasil e para o movimento marxista-leninista internacional.

O Partido Comunista da Suécia condena vigorosamente o assassinato destes três camaradas dirigentes. Nós exigimos ainda a imediata libertação das outras pessoas que foram presas na mesma ocasião e expressamos o nosso repúdio e indignação sobre a tortura a que estão sujeitas no cativeiro.

O Partido Comunista do Brasil tem longa e gloriosa tradição de luta contra os inimigos internos e externos do povo brasileiro. O assassinato de três camaradas dirigentes e a prisão de outros militantes não conseguirão travar a luta revolucionária de massas do povo brasileiro.

Nós estamos convencidos que estes crimes do inimigo de classe só despertarão ainda mais a ira e o ódio do povo trabalhador na América Latina contra os reacionários e contra o imperialismo, com as duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética à frente.

O Comitê Central do Partido Comunista da Suécia